

LORAINÉ SLOMP GIRON

A épica da pobreza: mulheres imigrantes

Os ninguém: os filhos de ninguém, os donos de nada: Que não falam idiomas, falam dialetos.

Eduardo Galeano.

1. Introdução

O século XXI tem sido marcado pela busca de novas terras por grupos de migrantes, da mesma maneira que os séculos XIX e XX. Não se trata mais da divisão internacional do trabalho, mas do deslocamento da parte da população sem rumo, expulsa por circunstâncias adversas. Tais como um terremoto no Haiti, problemas políticos como na Síria ou no Senegal. As causas são variadas, mas os resultados são os mesmos: são milhares de famílias deslocadas no espaço, sem a certeza da solução de seus problemas. São milhares de mulheres e de crianças à deriva da história. São milhares de famintos em busca de abrigo.

Cada deslocamento maciço de população cria seus próprios mitos e suas próprias lendas. Não são os ricos os que são obrigados a deixar em massa sua terra, em geral são os mais pobres desvalidos e os excluídos sociais de um país. Os ricos com seu dinheiro guardado na Suíça não sofrem com problemas menores como a falta de emprego e de comida. A falta de comida, de casa e de alimentação, de terra e de trabalho é que obriga os seres humanos a migrarem. Os modernos heróis das viagens entre países não são os homens heroicos em busca da descoberta de novas terras, nem argonautas em busca do velo de ouro, mas apenas seres pobres sem destino. A moderna epopeia da miséria trata apenas de famintos. Nada tão faminto quanto os imigrantes italianos que a partir de 1862 chegaram

ao Brasil. No Rio Grande do Sul a grande imigração começou em 1875.¹ Os relatos a seguir, baseados em fontes primárias, constituem parte da epopeia das mulheres imigrantes e pobres. O texto sintetiza pesquisas realizadas entre 1991 e 2007 na Universidade de Caxias do Sul, que resultaram em dois livros. Se trata de histórias de vida de mulheres imigrantes que sozinhas tiveram de carregar a família e a propriedade. Sobreviver nas circunstâncias em que viveram não deixa de ser uma história épica da pobreza.

2. *Imigração & mulheres*

*Que não fazem arte faz artesanato.
Que não tem cultura tem folclore.*

Eduardo Galeano

A imigração italiana para o Rio Grande do Sul, o mais meridional dos estados brasileiros, aconteceu entre 1875 e 1914. Neste período entraram em todo o Brasil mais de um milhão e meio de italianos para trabalhar na agricultura. Cerca de cem mil imigrantes italianos vieram para o extremo sul. Vieram em busca de terra, vendida em lotes nas colônias (loteamentos rurais), com área de 25 a 60 hectares, por preços baixos em módicas prestações mensais, com até 10 anos, ou mais, de carência. Nestas terras, situadas nas regiões mais inóspitas do Planalto Meridional brasileiro, foram vendidos cerca de 10 mil lotes, que forneceram as condições de trabalho para os chamados colonos (os habitantes das colônias).²

A sociedade que se formou na chamada região colonial italiana do Rio Grande do Sul era similar à do campesinato do norte da Itália de onde eles vieram. Com uma diferença fundamental, que é destacada por Paolo Rossato em carta de 1884 a seus familiares italianos: «Aqui nós somos senhores».³ Já não dependiam dos condes, eles se tornaram do dia para noite proprietários de extensões de terra maiores do que as que tinham seus antigos senhores. Eles se tornaram donos da própria miséria: não havia mais intermediários para explorá-los.

1 José H. Dacanal (org.), *RS: imigração e colonização*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980; Valentim Lanzarotto, *Pobres construtores de riqueza*, Caxias do Sul, Edusc, 1981.

2 Vitalina M. Frosi, Ciro Mioranza, *Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, Movimento, 1975.

3 Luís De Boni, *La Mérica – Escritos dos primeiros migrantes italianos*, Caxias do Sul, UCS/EST, 1977, p. 27.

Outra diferença é que as casas que foram aos poucos sendo construídas eram grandes e sem as divisões dos *cortili*. As famílias viviam distantes umas das outras e independentes entre si. A miséria era a mesma, mas o futuro se apresentava melhor. Havia ainda outra diferença: agora viviam nas matas e nas encostas pedregosas do planalto, vulgarmente chamadas de serras, e não em vales de rios e planícies, onde seria mais fácil plantar.

Logo se formou uma sociedade nova nas terras do sul, antes habitadas por fazendeiros criadores de gado, que viviam no planalto da região dos campos. A pequena propriedade vai marcar a paisagem, com as parreiras, as plantações de cereais, de frutas e de legumes. Eram pobres e se sentiam como se fossem heróis conquistadores das matas que os cercavam. Logo se criou a mítica dos heroicos imigrantes que teriam desbravado a terra. Os novos heróis foram construídos pela miséria e pela sua expulsão da terra natal.

Os homens eram fracos, pois pobres e mal alimentados. As doenças eram muitas e para combatê-las não havia remédios nem vacinas. Havia o estranhamento da nova terra coberta de matas, com índios e animais desconhecidos. Havia o nunca superado sentimento de perda e luto da terra natal e dos parentes lá deixados. A perda da língua causou profundo sentimento de inferioridade, pois para se comunicar deveria usar uma língua estranha. Pelas circunstâncias locais e pessoais, as mortes por doenças, as fugas e os suicídios não se fizeram esperar. Como resultado, centenas de mulheres foram abandonadas.

Nos requerimentos à comissão das terras e mais tarde às intendências municipais, feitos pelas mulheres, ou a seu rogo, há histórias de vida. Nelas há abandono, mortes. As mulheres viúvas ou abandonadas contam suas histórias. Nem sempre são histórias edificantes: há brigas, injustiças e luta pelas heranças. As mulheres justificam suas faltas de pagamento das taxas e dos impostos com a dura verdade ou com assentiras mais descaradas. São histórias de vida nem épicas, nem heroicas, mas de sobrevivência.

Os requerimentos assinados por mulheres são fontes importantes para entender a situação das mulheres viúvas, abandonadas pelos maridos, ou casadas com maridos incapazes. Dos requerimentos brotavam histórias de vida. Sobre cada mulher proprietária foi elaborada uma ficha contendo dados pessoais, endereço, profissão, condição da propriedade, filhos e situação do marido.

Os requerimentos eram encaminhados aos órgãos que dirigiam a colônia Caxias, seja à Comissão de terras, seja à Intendência municipal. As fontes foram levantadas no Arquivo Histórico Municipal

de Caxias do Sul. Foram catalogadas cerca três mil mulheres proprietárias de terra ou responsáveis pela terra e ainda as ocupadas em outros setores da produção como comércio, artesanato e indústria. Sobre cada mulher proprietária foi elaborada uma ficha contendo dados pessoais, endereço, profissão, condição da propriedade, filhos e situação do marido. Foram elaboradas 1400 fichas contendo os dados citados. Para a execução da pesquisa foram relacionadas 120 mulheres; das 120 mulheres, foram selecionadas 30. A seleção foi determinada pela existência de familiares das proprietárias na região.

A grande maioria dessas mulheres eram analfabeta, apenas 39% sabiam ler. Enquanto a maior parte das mulheres era de origem italiana, 77% do total, 20,4% eram do Império Austro-Húngaro e 2,6% de Estados Alemães. Das mulheres de origem italiana 28% sabiam ler, as de origem austríaca 89% sabiam ler, e 100% das alemãs sabiam ler.

As mulheres tiveram papel fundamental na construção duma nova sociedade agrícola brasileira baseada no trabalho familiar, na pequena propriedade e na policultura. Ao contrario da tradicional brasileira, baseada no trabalho escravo, no latifúndio e na monocultura, seja do gado, do açúcar ou do café.

3. Trabalho & mulheres

Que não têm cara têm braços.
Eduardo Galeano

Na pequena propriedade agrícola a mulher realizava a maior parte das atividades, todas as domésticas e mais que a metade das atividades principais e das complementares. A divisão do trabalho na pequena propriedade não tinha a mesma clareza da divisão clássica do trabalho. Não são apenas as atividades externas para o homem e internas para a mulher. A análise dos depoimentos das mulheres revela uma divisão do trabalho desigual que não está baseada nem na necessidade da maternidade, nem na força física, mas na autoridade paterna. «As atividades agrícolas exigiam grande dispêndio de forças físicas e mantiveram a continuidade de uma tradição familiar centrada na autoridade paterna».⁴

A mulher realizava a maior parte das atividades não lucrativas, sendo alijada das principais, que garantiam a maior renda para a

4 Rovílio Costa, Arlindo Battistel, *Assim vivem os italianos. Vida, história, contos e histórias*, I, Porto Alegre, EDUSC/EST, 1982, p. 49.

propriedade. As mulheres que realizavam a maior parte dos trabalhos foram submetidas dentro da família a uma condição subalterna, recebendo uma divisão desigual de bens. Quando a mulher ficava viúva ou abandonada pelo marido, assumia a chefia da família e ao tornar-se dona da propriedade, ela assumiu e diversificou as atividades principais. Ao se tornar dona da terra, a mulher transforma-se, assumindo as posições que antes eram as do homem, garantindo tanto a manutenção da submissão das mulheres como a da família tradicional.⁵

Por outro lado, a transformação da esposa em dona da terra é mais profunda e traumática do que a do pai de família que de servo se tornou senhor da terra que cultivava. Acostumada à submissão e educada para obedecer, em produzir e em reproduzir sem maiores questionamentos, a mulher que se torna proprietária de terras deverá encontrar sua identidade como pessoa. Voltada para a criação dos filhos, para os cuidados do lar, o trabalho nas atividades complementares, alijada da administração da propriedade e da gestão econômica da mesma, deveria de forma imediata adquirir nova posição e novos conhecimentos.

Ao se tornarem donas das terras, as mulheres mantêm a discriminação contra as filhas, julgando-as incapazes de auxiliá-las na administração da propriedade. Nos requerimentos, a inexistência de filhos homens é apresentada como uma impossibilidade de produzir para pagar os impostos. Como é o caso de Tereza⁶ Bolzanello e Regina Mattana em requerimentos de 1903, as quais alegam que, como tem filhas mulheres, não podem pagar os impostos.⁷

Imitando os homens, desprezam e condenam as filhas à mesma segregação que elas haviam recebido, reproduzindo a injustiça a que eram submetidas às mulheres, mantendo-as sob a pressão de um trabalho desigual e sem direitos iguais aos dos homens. Entre os vários casos estudados, está o de Apolonia De Boni, viúva de Antonio Cambruzzi, residente no lote 2, Linha Jacinta, X Léguas, que casou-se em segundas núpcias com Sebastiano Casagrande e recusou-se a entregar a herança devida a sua filha Ângela Cambruzzi, que vivia

5 Lorainé Slomp Giron, *Dominação e subordinação. A mulher e o trabalho na pequena propriedade*, Porto Alegre, Letra Viva, 2005.

6 Os nomes de pessoas e de lugares mantêm aqui a ortografia original dos documentos de arquivo.

7 Arquivo Municipal de Caxias do Sul, *Caixa de Requerimentos*, Requerimento de 15 de maio de 1903.

na miséria em Nova Pádua com seu marido Giovanni Menegat.⁸ Algo semelhante parece ter ocorrido com Margaritta Lira, abandonada pelos filhos e casada com Giacomo Fiorese.⁹

A principal função da mulher era ser uma serviçal, cujo papel fundamental era o da reprodução. Sem conhecer o modo como os filhos eram gerados, entravam para a vida de casadas sem qualquer tipo de preparação. Os depoimentos de mulheres imigrantes revelam de forma clara o choque que o casamento e as relações sexuais dele decorrentes causavam nas recém-casadas. Sem ter qualquer orientação, sem saber como eram gerados os filhos, encaravam o sexo como uma prova da força do homem sobre sua integridade física. A saída da mais completa ignorância através da brutalidade física causava traumas, que voltavam a aflorar na mais prosecta idade.¹⁰

Ao nascerem os filhos, sem assistência maior do que a de vizinhas ou de parteiras práticas, a mulher voltava a trabalhar em poucos dias. «Depois de quatro dias ia-se à roça capinar».¹¹ Não é pois de estranhar a ocorrência de nascimentos prematuros e de mortes dos nascituros. A “quarentena” e o resguardo após o parto era privilégio de poucas, ao aleitamento somava-se o trabalho da casa e as demais atividades da propriedade. Não é de se estranhar do grande número de crianças que morriam antes de completarem um ano de idade, nem o elevado número de abortos evidenciados nos registros de óbitos como fetos. Algumas mulheres passavam do aleitamento para nova gravidez: «Minha mãe fez vinte dietas e vinte quarentenas. Cada ano uma criança».¹²

O lazer da mulher era o trabalho, isto é, a mudança do tipo de atividade. Lazer podia ser bordar ou remendar roupas, fazer tranças de palha, ou dobrar palhas para o cigarro usado pelos homens. As poucas festas que participava estavam ligadas não só à família ou à Igreja como também ao trabalho. A comida servida nas festas era feita pelas mulheres, geralmente servidas por moças. Após a adoção do churrasco como prato principal, foi que os homens passaram a trabalhar na feitura dos assados, passando as mulheres a servir as mesas.

8 João Dall’Alba *et al.*, *História do povo de Ana Rech*, II, Caxias do Sul, Edusc, 1997, p. 42.

9 Arquivo Municipal de Caxias do Sul, *Caixa de Requerimentos*, Requerimento de 18 de maio de 1903.

10 Loraine Slomp Giron, Heloisa Bergamaschi, *Mulheres proprietárias. Histórias de vida*, Caxias do Sul, Edusc, 2002.

11 Costa, Battistel, *Assim vivem os italianos*, p. 49.

12 *Ibidem*.

Segundo Moretto «as mulheres sempre faziam algum trabalho manual que lhes rendesse algum dinheiro e assim compraram o que necessitavam».¹³ Já que não podia contar com o dinheiro que a propriedade rendia, pois este era exclusivamente dos homens.

O nascimento de uma filha mulher era considerado como um ônus para a produção agrícola, mas, por outro lado, era o início de uma vida de trabalhos, auxiliando a mãe nas infindáveis atividades de casa, e no cuidado com os irmãos menores. A chegada de uma filha era acompanhada com a preocupação do dote e do enxoval.

Não se trata aqui de discutir a maior ou menor força da mulher em relação ao homem, mas de constatar que as mesmas mulheres que afirmavam sua falta de força física terem conseguido dirigir e trabalhar sua propriedade por mais de vinte anos, sem o auxílio do marido ou de filhos.

A fraqueza, desta forma, parece ter sido um estereótipo atribuído pelo grupo social ao sexo feminino e aceito pelas mulheres, cuja própria vida encarregou-se de negar. A mulher provou que tinha condições físicas necessárias para o trabalho físico que a lavoura regional exigia.

Algumas mulheres proprietárias mentem em seus requerimentos, informam que vivem na mais extrema miséria, que não têm homens que as auxiliem e que não podem pagar qualquer tipo de imposto. Este parece ser o caso mais comum dos detectados, como os de Bortola Viecelli, Magdalena Trentin e Margherita Lira.¹⁴ Muitas vezes a falsidade das afirmações é desvendada pelo inspetor ou por outros requerimentos. Algumas viúvas que têm 65 anos afirmam ter os filhos menores de idade.¹⁵

4. *Exemplos heroicos?*

Que não são seres humanos, são recursos humanos.
Eduardo Galeano

Nas histórias das mulheres abandonadas há um pouco de tudo, mas o que mais há é esforço e superação. Suas histórias guardadas nos requerimentos podem ser contadas por lembranças familiares ou por algum registro oficial da imigração. Os portugueses eram

13 Paulina Soldatelli Moretto, *A caminhada dos Soldatelli*, Caxias do Sul, Edição da Autora, 1991, p. 75.

14 Arquivo Municipal de Caxias do Sul, *Livro de lançamento imposto focular*, 1890 a 1905.

15 *Ibidem*.

afeitos à burocracia e ao registro, os brasileiros herdaram tais hábitos. Assim cada colono entrado merecia uma anotação em mapas estatísticos, onde constava a procedência a data de chegada, a idade de cada membro da família, o grau instrução e o lote que lhes foi designado.¹⁶ Assim a partir destes fragmentos, restos de algumas vidas podem ser encontrados.

Catarina Cavagnolli, 35 anos, chegou ao Brasil em 1877, casada com Giovanni, 46 anos. Tiveram quatro filhos e duas filhas. O mais velho de seus filhos, Carlo, tinha 11 anos e Rosa, mais nova, tinha dois. Em nove anos ela ficou grávida seis vezes.¹⁷ Em 1893, quando ficou viúva, ela tinha 51 anos, seus filhos estavam criados. Ela vivia no lote 51 do Travessão Felisberto da Silva, na X Léguas da antiga colônia Caxias. No ano seguinte ela quitou o lote em que vivia. Poucos anos após (em 1905), ela tinha registrados mais três lotes, no mesmo Travessão, número 45, 50 e 51. Assim, depois que ficou viúva conseguiu comprar mais três lotes de terra, cada um deles com cerca de 20 hectares.¹⁸

Em 1898, aos 55 anos, empreendeu mais um negócio. Resolveu se tornar tropeira. O trabalho de tropeiro consistia em transportar mercadorias de um lugar para outro. Era trabalho masculino, sendo pouco recomendado às mulheres, pois elas tinham que deixar suas casas e seus filhos. Catarina informou a Intendência que pretendia trabalhar com uma tropa de seis mulas, para «transportar mercadorias dos comerciantes para fora e para dentro da X Léguas». ¹⁹ Solicitou ser lançada no registro de Indústrias e Profissões não como comerciante, mas como proprietária de tropas. Apesar de não haver registro de Catarina Cavagnolli como comerciante, é possível que tenha tido uma casa de comércio. Outras mulheres possuíram tropas, mas não se registraram como tropeiras: entre elas, Ana Rech e Cezira Oliboni. Mais de cem anos após sua morte, os descendentes de Catarina ainda lembram da mal falada antepassada, uma mulher de vida fácil, segundo suas lembranças.

Ana Rech é a mais conhecida das mulheres proprietárias. Em Caxias o lugar onde ela tinha sua propriedade levou seu nome e o

16 Arquivo Municipal de Caxias do Sul, *Mapas estatísticos*.

17 Mário Gardelin, Rovílio Costa, *Os povoadores da Colônia de Caxias*, Porto Alegre, EST, 2002, p. 348.

18 Arquivo Municipal de Caxias do Sul, *Caixa de Requerimentos*, Requerimento de 9 de junho de 1905.

19 Arquivo Municipal de Caxias do Sul, *Caixa de Requerimentos*, Requerimento de 15 de março de 1903.

distrito de Ana Rech hoje se tornou um bairro da cidade de Caxias do Sul.

Ana Rech chegou ao Brasil em de 1877, no mesmo ano que Catarina Cavagnoli. No mesmo ano entraram cerca de quinhentos imigrantes provenientes do Reino da Itália.²⁰ Ana Rech era uma mulher baixinha, viúva de 49 anos e perdida numa multidão de pobres em busca de terras no sul do país. Nasceu em Pren no dia 1º de outubro de 1828. Aos 19 anos casou-se com Osvaldo Rech, de 25 anos, registrado como natural de Muner. Ele, como ela, era filho de agricultores sem terra. Em 20 de novembro de 1847 mudaram-se para Pedavena, onde nasceram seus nove filhos.²¹ A vida do casal de meeiros era muito difícil, a alimentação era precária, e daí as péssimas condições de saúde dos filhos. A vida do pobre não é uma epopeia, mas tem todos os componentes de uma tragédia. Os anos de 1875 e 1876 foram os mais difíceis para os agricultores e as péssimas safras ameaçavam matar de fome parte da população. A situação se torna grave com a morte de Osvaldo, de uma hérnia abdominal, na véspera do natal de 1875.

Foi então que Ana decidiu emigrar. Conta-se que ameaçou se suicidar se não fosse permitida sua saída da Itália, assim substituiu outra pessoa solitária.²² Partiram em 12 de outubro de 1876²³ numa viagem que durou meses. Não se tem notícia do navio em que vieram, mas as lembranças da viagem forma preservadas. Entre elas, a queda do trem de seu filho Giuseppe e de como foi salvo. De como morreu Osvaldo Rech filho e de como foi atirado ao mar depois de sua morte súbita. De como fugiram as mulas que transportavam seus dois filhos mais novos.

Após sua chegada em Caxias, Ana encaminhou um ofício à Diretoria de Terras, solicitando ser colocada em lote situado ao lado do de Ângelo De Carli.²⁴ As duas famílias Rech e De Carli mantinham relações de amizade e de casamentos desde muitos anos. Comprou o lote nº 104, no travessão Leopoldina, VIII Léguas, situado a meio caminho entre a região dos campos povoada por lusos e as terras destinadas à colonização pelo governo brasileiro.

Há muitas lembranças sobre Ana Rech. O certo é que abriu uma casa de comércio com águas e campos para as tropas e ficou co-

20 Gardelin, Costa, *Os povoadores da Colônia Caxias*.

21 Dall'Alba et al., *História do povo*, II, p. 48.

22 Gardelin, Costa, *Os povoadores da Colônia*, pp. 282 ss.

23 Dall'Alba et al., *História do povo*, II, p. 40.

24 *Ibidem*.

nhecida como a dona da melhor casa de pasto da região. Em torno de sua casa aos poucos são construídas outras casas e logo o povoado se forma. Há muitas histórias sobre Ana Rech, desde suas relações com escravas, tendo tentado criar a filha duma delas, bem como de suas relações com Ângelo Rech e dos seus filhos doentes. O que realmente importa é que conseguiu vencer no novo mundo, que marcou com seu nome um lugar e deixou numerosa descendência.

Os requerimentos feitos por Ana Rech servem para mostrar como era neles apresentada a voz das colonas:

Aos vinte e sete dias do mês de outubro de 1881 apresentaram-se nesta diretoria Anna Rech e RECH Angelo, que declararam na presença do diretor João Maria de Almeida Portugal e de testemunhas assinadas e nomeadas, que no dia dezanove do corrente mês, a uma hora da noite encontraram uma criança do sexo feminino na porta de sua casa na 8ª légua prazo nº 104, sendo logo pela mesma Anna Rech recolhida, cuja criança, por ele foi declarada que tinha levado à igreja no dia de hoje, sendo batizada e feito o registo pelo padre Agostinho Magon. Foram padrinhos Angelo e sua mulher Joana Rech. O que para constar lavra-se o presente termo que vai assinado por Angelo Rech e pelas testemunhas Eng. Afonso Newton de A. de Figueiredo, Gil Correa Vianna e Giuseppe Falavigna. E eu, Paulo de Campos Cartier auxiliar de escritório que o escrevi.²⁵ Aos 13 dias do mês de junho de 1882 apresentou-se nesta Diretoria a colona Anna Rech que declarou que no dia 13 (ou 14) de maio corrente faleceu a menina Maria Joana com sete meses de idade, cuja criança foi por ela recolhida a 19 de outubro, a qual foi sepultada no cemitério da 8ª Légua desta colônia, em cuja légua mora a declarante. Do que para constar lavrei este termo que comigo assina a rogo a declarante por ser analfabeta, Luiz Valdemar Voght e as testemunhas Adolfo Aurélio de Figueiredo e Rafele Buratto. O ajudante de escriturário Paulo de Campos Cartier.²⁶

Luigia Grossi, ao contrário de Ana Rech e de Catarina Cavagnoli, residiu na zona urbana, na vila de Caxias, na praça Dante Alighieri, a principal da Vila. Seus pais Francesco Boscato, com 55 anos de idade, e Margherita (48 anos) deixaram a Itália como emigrantes. Chegaram à colônia Caxias vindos de Thiene (Vicenza) no dia 17 de junho de 1882. Vieram com dois filhos: Ângelo, de 13

25 Arquivo Municipal de Caxias do Sul, *Caixa de Requerimentos*, Requerimento de 27 de outubro de 1881.

26 *Ibidem*, *Livro de registro de óbitos do cemitério público municipal*, ano de 1882.

anos, e Lúcia, de 9 anos. Na Itália deixaram outros 4 filhos: Pietro (27 anos), Regina (25), Angela (22) e Luigia, com 18 anos. O motivo da separação são desconhecidos, sendo possível que os filhos que ficaram na Europa estivessem trabalhando para juntar algum dinheiro para vir para o Brasil ao encontro dos pais.²⁷

Dois anos depois, em 22 de março de 1884, chegou Pietro, o filho mais velho, casado com Maria Madalena Conforte. Com ele vieram duas de suas irmãs casadas, Regina Boscato Braga e Ângela Boscato Giacomo. Luigia permaneceu em Milão, onde trabalhava. Segundo lembranças familiares, estaria noiva. Ao que se sabe Luigia Boscato encontrou Baptista Grossi na cidade na qual moravam. Ao conhecer Baptista, Luigia rompeu o noivado casando-se com ele. Segundo as lembranças familiares, ele era um *bon vivant*. Era baixinho e gordo, enquanto Luigia era bem mais alta. De acordo com as fontes ele era solteirão ou separado da mulher, bem mais velho do que a esposa.²⁸

Fazia nove anos que os pais tinham deixado a Itália quando a filha e seu marido decidiram vir ao Brasil, chegando em 15 de agosto de 1891. Baptista tinha então 39 anos e Luigia 28 anos. Ao chegarem à vila, sede do recém-emancipado município de Caxias, compraram o lote número nº 1, da quadra 42, situado na esquina das ruas Sinimbu e Marquês do Erval. O lote pertencera ao sapateiro Giovanni Faccin, que o adquirira em 1882 e nele havia construído uma casa de madeira. O lote ficava ao lado do n. 3 que pertencia a Giuseppe Eberle e no qual Gígia Bandera tinha sua funilaria. A compra de um lote situado na praça principal da Vila revela que possuíam o dinheiro necessário. Pouco tempo depois construíram um novo hotel, primeiro prédio de três pavimentos da região. Baptista deveria ter acumulado capital antes de viajar para o Brasil.

Segundo o neto João José Batista Grossi, o hotel de sua avó tinha 30 quartos com um banheiro e dois sanitários por andar. No térreo ficava o salão de refeições, a cozinha se localizava na antiga casa de madeira ao lado da qual o hotel foi construído. A família morava no primeiro pavimento desta casa. O hotel tornou-se famoso pela tripa-da que era servida aos domingos. Os colonos que vinham à missa aos domingos aproveitavam da ocasião para fazer suas compras nos quiosques da praça e comer no hotel *del coggo*.²⁹

O casamento parece ter sido feliz. Enquanto Baptista se encarregava da parte social do hotel, Luigia assumiu a direção dos empre-

27 Dall'Alba *et al.*, *História do povo*, I, *passim*.

28 *Ibidem*.

29 Dialeto vênето *cogo*, em italiano *cuoco*, em português cozinheiro.

gados e da cozinha. O casal teve cinco filhos, no período entre 1892 e 1899: Alberto, Vitória, José, Francisco e Margherita. Segundo memórias familiares, Luígia ficava cozinhando praticamente até a hora do parto para voltar à atividade logo após. Luígia, mulher dinâmica, controlava as finanças familiares com a mesma energia com que controlava os filhos, mesmo depois de adultos. A imagem guardada de Baptista é outra, ele dedicava-se mais ao contato com o público, não sendo muito afeito ao trabalho.

De 1893 a 1895 o Rio Grande do Sul sofreu um período de luta interna, conhecida como Revolução Federalista. O conflito foi decorrente da situação nacional, onde as lutas entre os monarquistas e republicanos ainda se travavam na capital da nova República, instituída em 1889. Os maragatos (monarquistas) usavam bandeiras de cor vermelha, os chimangos (republicanos), as de cor branca. Os dois grupos enfrentavam-se na luta pelo poder do estado gaúcho.³⁰ Em termos de “revolução”, os hoteleiros enfrentavam momentos delicados; as vilas e cidades eram invadidas por tropas republicanas e logo a seguir por tropas federalistas.

Outra grande revolução ocorreu entre os dois grupos em 1923; em ambas foram os imigrantes os mais prejudicados, pois só eles plantavam, colhiam e criavam animais domésticos. As safras e os animais eram roubados. Havia mortes e os colonos eram obrigados a participar das lutas.³¹

O mesmo não acontecia nas vilas e cidades, onde o objetivo era estratégico e não apenas de saques como na zona rural. Luígia usava a estratégia de mudar a bandeira conforme a facção dos soldados que vinham ao hotel para fazer as refeições. Devido à artimanha da troca de bandeiras, tanto maragatos como chimangos nada fizeram contra o hotel, que foi preservado.³²

Na vila de Caxias, onde não existiam clubes e residências que possibilitassem a reunião de mais de cem pessoas, era costume realizar as festas em hotéis. Além do trabalho diário no hotel, Luígia ainda tinha ocupação nos finais de semana com esse tipo de festa. Foi exatamente durante uma destas festas, mais precisamente a do casamento de Érico e Celestina Raabe em 1905, que repentinamente Baptista morreu. Tinha então 53 anos, deixando Luígia viúva

30 Loraine Slomp Giron, *Caxias do Sul: evolução histórica*, Caxias do Sul, UCS/EST, 1977.

31 *Ibidem.*

32 Dall’Alba et al., *História do povo*, II, pp. 87 ss.

aos 42 anos com cinco filhos menores.³³ Após a morte do marido, Luigia continuou com o hotel. Em 8 de maio de 1907 cobrou da Intendência através de requerimento a quantia de 220\$500 reis pela comida fornecida aos presos pobres da cadeia municipal.³⁴ O requerimento foi deferido, tendo Luigia recebido o solicitado. Há muitos requerimentos seus com mesmo teor cobrando serviços prestados ao município.

Com o capital conseguido com o hotel, em 9 de abril de 1913 Luigia solicita a compra de uma sobra de terra existente entre os lotes 1 e 3 pertencente a Abramo Eberle «afim de poder efetuar pronto pagamento pelo preço que estipularde».³⁵ Em 4 de julho do mesmo ano solicita licença para construir um sobrado de madeira na área que havia adquirido. Foi nesse mesmo ano que alugou uma casa situada na esquina da rua Marquês do Erval com a rua Os Dezoito do Forte, onde passou a morar com seus filhos, enquanto a casa da Sinimbu estava sendo construída. Decidiu também alugar o hotel passando a viver de rendas.³⁶

Segundo o que sua filha Rita contava aos seus filhos, Ana passou muito trabalho tanto no hotel quanto para criar os filhos, deixando uma imagem de mulher de poucas palavras e que batia só se necessário. Ela passou por dificuldades financeiras, mas conseguiu administrar seus bens. Segundo lembranças, ela morreu no dia em que conseguiu pagar sua última dívida.

Ermelinda Viero nasceu na II Légua em 1893. Seus pais imigrantes vieram de Villaraspa, Vicenza. Andrea era marceneiro, abriu sua oficina na II Légua. Ela estudou na localidade, na escola da professora Candinha Bay, em São Pedro da III Légua. Ermelinda era inteligente e boa aluna: após terminar a Seleta, ou seja o curso elementar, foi convidada para ajudar a professora. Ela arrumava o material didático, cuidando que as lapiseiras tivessem sempre grafite apontado e a lousa limpa. Depois de algum tempo trabalhando na escola, Ermelinda voltou para casa, pois queria ser costureira e não professora. Foi para Caxias na casa de parentes, onde trabalhou como doméstica. De manhã fazia os serviços da casa, entre outros matar as galinhas para o almoço. A tarde aprendia corte e costura com Maria Bragagnollo. Depois de aprender corte e costura, Er-

33 Arquivo Municipal de Caxias do Sul, *Livro de registro de óbitos do cemitério público municipal*, ano de 1905.

34 *Ibidem*, *Caixa de Requerimentos*, Requerimento de 8 de maio de 1907.

35 *Ibidem*, *Caixa de Requerimentos*, Requerimento de 9 de abril de 1913.

36 Dall'Alba et al., *História do povo*, II, p. 124.

melinda voltou para a III Léguia onde passou a costurar. Foi aí que encontrou Matteo Carlo Gianella.

Ermelinda era alta, pele clara, sardenta com cabelos vermelhos escuros e olhos castanhos. Matteo Carlo nasceu em 1883, sendo um homem bonito de cabelos pretos, olhos azuis e farto bigode, natural de Crocemosso, no Piemonte. A vida de Matteo, que era órfão, foi difícil. Criado em orfanato, aos seis anos começou a trabalhar numa tecelagem emendando fios. Muito jovem ainda imigrou para a Argentina. Em Buenos Aires tentou vários empregos sem muito sucesso, não conseguindo trabalhar em tecelagem como era seu desejo. Encontrou Ercole Gallo em Buenos Aires, quando trabalhava no porto como estivador. Gallo convidou-o para trabalhar em sua tecelagem no Brasil. Em 1913 Matteo deixa Buenos Aires e durante alguns anos trabalhou na tecelagem de Gallo, no Profondo (hoje Galópolis).

Foi numa festa de padroeiro da capela de São Pedro que Ermelinda e Matteo se conheceram. O namoro entre os dois foi difícil, pois, sendo Matteo bem mais velho que ela, seu pai julgava que era casado na Itália. Por outro lado Matteo, tendo vindo de Buenos Aires e sendo do Piemonte, era considerado um estrangeiro. O casamento realizou-se a 4 de março de 1915 na Igreja Matriz da Paróquia de Santa Tereza de Caxias.³⁷ O casal foi morar em Galópolis, onde Matteo era contramestre da fiação e tinha direito a uma casa de material da vila operária pertencente ao lanifício.

Matteo precisava de aumento, o que foi lhe negado, sendo dito que estavam chegando da Europa muitos operários que trabalhariam por um prato de comida. Com a recusa, Matteo deixou o emprego e foi a Monte Bérico, para com a família morar num galpão pertencente a Giovanna Perin, onde nada pagavam. Foi aqui que ele começou a produzir carona, peça utilizada na montaria feita com a lâ, com a lâ que Ermelinda retirou do colchão. A carona foi vendida para a casa comercial de Abramo Eberle, que reclamou da baixa qualidade do produto e indicou onde Matteo poderia comprar lâ; prontificando-se a comprar sua produção. O comerciante sugeriu ainda que as caronas fossem decoradas com flores, pois assim venderiam melhor. Ermelinda era desenhista de flores e passou a desenhar e bordar as caronas destinadas ao comércio. A feltraria se desenvolveu sendo adquiridas as mesas de agitação destinadas a aglutinar as fibras da lâ.

37 Paróquia de Santa Tereza, Caxias do Sul, *Livro de casamentos e óbitos*, 1915. Para as demais notícias, v. Slomp Giron, Bergamaschi, *Mulheres proprietárias*.

A partir de 1920 a empresa se desenvolveu e Ermelinda além de cuidar da produção também cuidava da escrita da tecelagem; além da casa, e dos seis filhos que teve. Com o aumento da produção, foram contratados operários. Em 1925 já são cerca de cinquenta, sendo a maioria mulheres. Matteo viaja muito para vender seus produtos, lã em novelo, cobertores tipo mostarda e capas, além das caronas. Ermelinda, com as viagens do marido, tomava conta não só da contabilidade, como da produção, auxiliada por seu irmão. O casal morava em casa situada próxima à fábrica e Ermelinda cuidava da sua segurança. Durante a noite, cuidava da empresa com uma arma, disparava para o alto quando julgasse ser necessário. E em casa ela tinha um chicote pendurado atrás da porta, para manter a disciplina dos filhos. Era severa, sabia se impor, não precisando levantar a voz. Bastava pegar o chicote.³⁸

Ermelinda não tinha pela casa o mesmo interesse que pela empresa. Como o local onde a família morava era distante do centro de Caxias, as crianças eram levadas de charrete para a escola, os meninos no Carmo e as meninas no São José, por um encarregado que as levava e as trazia de volta para casa. Todos os filhos estudaram.

Matteo fez várias viagens a Europa, não só para a compra de máquinas, como também para visitar parentes, mas Ermelinda nunca o acompanhou. Anos mais tarde Matteo foi com o filho Dwiglio para a Itália, onde este realizou um estágio em uma tecelagem de Biela.

As atividades de Ermelinda não se restringiam à empresa. Várias de suas ações dirigiam-se para aqueles que passavam dificuldades, operários ou não da tecelagem. Sabendo que uma família passava necessidades, levava ranchos e roupas. Um dos casos que ainda é lembrado é de uma moça que ficara tuberculosa, e os vizinhos fechavam as janelas com medo do contágio da doença. Segundo lembranças de Paulina Moretto, Ermelinda participava também nas atividades da escola, visitando-a junto com os inspetores de ensino nas festividades de fim de ano. Era enfim uma personalidade pública.³⁹

Em 14 de novembro de 1942 aos 59 anos Matteo morre de problema cardíaco. Ermelinda continua morando na casa próxima da empresa, mesmo após o casamento dos filhos. Continuou com suas atividades na fábrica, dirigindo-a. Ao que tudo indica Ermelinda nunca quis se afastar da empresa e sendo ainda jovem quando ficou viúva nunca deixou o trabalho.

38 Slomp Giron, *Dominação e subordinação*; Soldatelli Moretto, *A caminhada*.

39 Soldatelli Moretto, *A caminhada*.

Até a sua morte, ocorrida em 2 de julho de 1969, causada também por problemas cardíacos, Ermelinda continuou trabalhando. Após a morte de Matteo a razão social da empresa passou a ser Viúva Matteo Gianella & Filhos.

5. As vozes das mulheres

Nas cartas e nas memórias escritas pelos imigrantes as vozes das mulheres não são ouvidas. Nos *Appunti di Viaggio* de Giuseppe Dall'Acqua, a mais completa narrativa de viagem de imigrantes chegados ao Brasil, publicada em 1901, há apenas duas citações da presença da mulher.⁴⁰ O nome de uma mulher é citado na epígrafe, dizendo o Autor que veio com ele e sua família a sua mulher Ana Bonfardin. Noutra, cita Ana Dall'Acqua, sua cunhada, que pediu a um marinheiro que um pouco do queijo estragado que era dado as ovelhas fosse dado a seus filhos.

Há poucos testemunhos diretos das palavras de mulheres imigrantes. Elas não tinham direitos, nem voz. Não podiam receber lotes rurais. Ana Rech foi uma das exceções. Por outro lado, os homens imigrantes foram pouco ouvidos. Sua voz está nos versos fesceninos que cantavam depois de beber, em alguns provérbios e em pequenas anedotas que contavam. A voz das mulheres em geral está escondida nas receitas culinárias, nas das cura de doenças e nas rezas. Há mais descrições, que vozes reais.

Entre os poucos discursos conhecidos estão os testemunhos recolhidos por Rovílio Costa e Arlindo Battistel num dialeto de difícil tradução. Um dos testemunhos é de Brígida Chiarentin Tessaro, entrevistada em 1977 com 92 anos. Ela conta como foi a viagem e a vida nos primeiros tempos de sua chegada ao Brasil:

Mi sono vegnesta de l'Italia cò ghea sei ani compidi. [...] La nostra famiglia se zera de Padova, la terra de Sant'Antoni. Me ricordo che se passava l'inverno te le stale de vache parche i animai i rendea caldo. La nostra famiglia se zera de sei persone. El viaio le mia stato tanto bel. Vènti i tampeste, ma grassia a Dio, el bastimento se ga mia sfondá. El viaio el gá dura quaranta di. Ghemo desmontá a Rio de Janeiro. Dopo 4 giorni semo vegnesti a Porto Alegre, i dopo semo andati a Cassias tel Baracon de imigranti.⁴¹

40 Giuseppe Dall'Acqua, *Appunti di viaggio*, in Costa, Battistel, *Assim vivem os italianos*, II.

41 Costa, Battistel, *Assim vivem os Italianos*, III, p. 981.

Ela conta ainda de como chegaram ao lote a eles destinado em Antonio Prado e como os animais da florestas que ela chama de *la tigre*, comiam os animais domésticos. Os colonos chamavam de tigre aos animais selvagens que atacavam os cachorro e os galinheiros. Conta ainda das doenças familiares e da irmã que foi comida pela *tigre*:

Sô mama la gá mandado sorelete sue tor impréstito farina par far la polenta te un vizin. A metá starda la pio picola la gá dito: “vá ti sola tor la farina che mi te espeto qué”. L'altra la andata, ma tes a volta no a trova la picinina. La core a caza e tuti i corre in cerca. Anca i vizigni com faconi i scopi parche il saveva che podega eser sta la tigre. In fati. I gá spaura sta tigre, ma a tozeta no i a pi catada, la tigre la gávea bel che magnat”.⁴²

Algumas vozes esparsas sobre assuntos diversos podem ser acompanhadas a seguir. Outro depoimento de Angela Borsa conta sobre o dia do nascimento de sua filha Rosina: «Go laorá tuto el di in tea rossa, go taia mato insieme a mi omo fin sera. Co zé oto de la note. A go bio mi sola. Noantri iéramo distante dela partera Lora Fiorindo, me omo no gá fato ore ndare ciamarla».⁴³

Sobre o trabalho feminino:

Viviam trançando a palha. Cortavam ainda e dobravam a palha de milho usada para confecção de cigarros. Os produtos vendidos rendiam o necessário para o enxoval. Quando queríamos comprar alguma coisa, era um sacrifício. Tínhamos de fazer uma rocinha, depois pegávamos o milho e vendíamos.⁴⁴

Com cinco anos comecei a trabalhar. De manhã cedo na roça, ainda escuro, ficávamos lá até anoitecer.⁴⁵

Depois que ficávamos grandes fazia-se o trabalho da casa, e depois ia-se dar sulfato à parreiras, com a carroça trabalhava e com o gadanho. Lavrar eu sempre lavrei, comecei a puxar serrote com nove anos.⁴⁶

Outra lembrança de filha de colona imigrante:

42 *Ibidem*.

43 *Ibidem*, p. 880.

44 Costa, Battistel, *Assim vivem os Italianos*, II, p. 490.

45 *Ibidem*, p. 507.

46 Costa, Battistel, *Assim vivem os italianos*, I, p. 152.

Levantava-se ao nascer do dia, às vezes ainda no escuro. Tratar das vacas, os poços e depois ir à roça a comida tinha de preparar tudo antes de sair. Deixava-se em casa os filhos pequenos ou os levava junto as onze voltava para casa a meio dia retornava. A noite voltava-se cedo com o claro do dia. Fazia os trabalhos, ordenhava as vacas. De noite costurava e fazia as tranças de milho.⁴⁷

Sobre as condições de vida dos primeiros tempos no Brasil há muitos depoimentos. Disse uma: «Eu levei um dote tão miserável. Quem comprou foi a mãe. Pouca coisa: 4 lençóis, 2 ou 3 toalhas, dois ou quatro travesseiros».⁴⁸

Outra depoente informa: «Quando nos casamos levamos somente roupas de cama e de vestir. Não levamos louças, nem máquina de costura, que era uma peça que devia constar do enxoval».⁴⁹ E outra: «Comprei a máquina de costura com as palhas de trigo, lá ficávamos a fazer palhas para ganhar 6 contos para comprar a máquina de costura, a custa de palhas e de tranças».⁵⁰

Alice Gasperin, filha de imigrantes, relembra:

No inverno, que era sempre rígido e extenso, se reuniam em estúbulos, tanto de dia como no serão. As mulheres fiavam. As famílias numerosas tinham os seus teares manuais e faziam seus tecidos, especialmente de linho, tanto para vestir-se como para roupa de cama. Faziam meias, costuravam tudo a mão e consertavam roupas. Os homens se dedicavam ao artesanato de madeira. Faziam baldes, estátuas de santos, molduras, soldas, etc... Aprendiam um do outro.⁵¹

Alguns trechos de requerimentos tratam da fragilidade e da falsidade femininas. Maria Sensolo, residente na Barra do 4º distrito, informa em 26 de setembro de 1905 que «seu marido Fiorindo Sensolo, a [sic] pouco tempo teve a desgraça de cair dentro do Rio das Antas afogando-se, ela se acha com 5 filhos menores, pobre e sem meios de pagar as suas dívidas».⁵²

Rosa Laner, moradora da II Léguas, solicitando à Intendência a isenção do imposto pessoal, diz que tem «apenas uma filha em sua

47 Costa, Battistel, *Assim vivem os italianos*, II, p. 621.

48 *Ibidem*, p. 490.

49 *Ibidem*.

50 *Ibidem*, p. 509.

51 Alice Gasperin, *Vão simhora. Relatos de imigrantes italianos da colônia Princesa Isabel RS*, Porto Alegre, EST/EDUSC, 1984, p. 13.

52 Arquivo Municipal de Caxias do Sul, *Caixa de requerimentos*, Requerimento de 26 de setembro de 1905.

companhia e sem forças para cultivar».⁵³ Informa Enricheta Casiraghi, moradora da II Légua, que «sendo viúva, com cinco filhos menores, lhe falta força para o trabalho».⁵⁴ O requerimento datado de 12 de julho de 1902 informa: «Bortola Viecceli, viúva de Antônio Viecceli, moradora do lote 11 do travessão Victor Emanuel, VII Légua, tem 64 anos e sete filhos menores que nem um auxílio podem dar, pede isenção do imposto de melhoramento *de estradas*». A voz de Bortola está por trás da voz de quem escreveu o requerimento. O inspetor do Travessão informa ao Intendente que Bortola tem os filhos adultos que a auxiliam no trabalho, dizendo que o pedido deve ser indeferido.⁵⁵

As vozes das mulheres que com seu trabalho ajudaram a fazer a América estão dispersas nos requerimentos, elas que nunca poderão ser ouvidas.

6. Conclusão

*Que não aparecem na história universal,
aparecem nas páginas policiais da imprensa local*
Eduardo Galeano

As mulheres foram excluídas da história da imigração italiana no sul do Brasil, da mesma forma que o foram da história brasileira. Quando seus nomes são citados estão ligados aos maridos. Elas não têm nome, sendo chamadas pelo dos maridos. A exclusão das mulheres nos fatos históricos e nos relatos não é coincidência. Pois a sua vida e a sua história sempre foram vistos e escritos pela ótica masculina.

O subintendente de Nova Trento em 1898, ao encaminhar requerimentos de viúvas pobres as apresentou da forma que segue: «Os pedidos feitos pelas viúva Luigia, viúva Franchetti, e o pedido verbal feito a mim de Bersabea viúva Prandi, doente de treze anos com os filhos menores, merecem ser atendidos». A forma utilizada pelo subintendente se repete no decorrer do tempo.⁵⁶

Em requerimentos do ano de 1898, Cecília Pironi se apresenta como viúva de Giobbe Canani. Neste mesmo ano Ângela Sandi

53 *Ibidem*, Requerimento de 1 de maio de 1904.

54 *Ibidem*, Requerimento de 16 de agosto de 1904.

55 *Ibidem*, Requerimento de 4 de setembro de 1898.

56 *Ibidem*, Requerimentos de 27 de janeiro, 31 de maio e 31 de dezembro de 1898.

e Enricheta Casiraghi conseguem elaborar seus requerimentos sem dizer seus nomes. A primeira informa que é viúva de Carlos Sirtoli, e a segunda que é viúva de Antonio Rosseto. Nos requerimentos posteriores voltam ao nome de solteiras, com um detalhe: deixam de se referir a seu estado civil. Os requerimentos são feitos como proprietárias dos lotes que dos quais se tornaram proprietárias pela morte do marido.⁵⁷

A questão do nome é uma questão de identidade. Por ela a mulher se reconhece como ser livre e como proprietária de terras. Só aos poucos, ao longo dos anos, vai se distanciando da precedência do nome do marido, retomando o seu nome de solteira. Ao assumir o nome de sua própria família, passa a negar o nome da família do marido. Ao se identificar como ser humano livre, nega as relações de submissão que o sobrenome do marido representava.

Não é de estranhar que as mulheres sejam ignoradas em seu papel de pobres e imigrantes. Não faz muito tempo que os primeiros relatos da participação da mulher na Segunda Guerra começam a ser feitos. Ainda assim já no século IV a.C. em Atenas e em Esparta, havia mulheres lutando nas tropas gregas. A exclusão das mulheres do discurso sobre fatos históricos é o sintoma da doença milenar de sua exclusão da história.

O Rio Grande do Sul é um estado de fronteira entre o Brasil e os países platinos da Argentina e Uruguai e em seu território ocorreram muitos combates. Nestas lutas a colônia italiana foi a região em que em 1925 foi elaborado um opúsculo manuscrito contendo as assinaturas dos imigrantes que ainda viviam cinquenta anos após sua vinda da Itália. Entre estas não há assinatura de nenhuma mulher. Como se os homens tivessem vindo sozinhos para o Brasil e seus filhos tivessem nascidos sem mãe. Como se os homens tivessem feito os filhos e a América sem a interferência da mulher.

Um episódio apenas foi registrado de ação heroica das imigrantes. Está apontado no adendo que leva o título de *L'opera della donna Italiana* no álbum *Cinquantenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud*, no qual se diz o que segue: «Não é suficiente exaltar a altivez daquela humilde camponesa Rosa Togo Ragazzon, italiana de Jaguary, que em julho de 1923, ao ver cair morto barbaramente na casa solitária, pela mão de bandido, seu velho sogro indefeso Ragazzon, com coragem estóica se armou de um forçado, ferindo o assassino covarde, golpeando-o justamente no coração, derubando

57 *Ibidem*, Requerimento de 12 de julho de 1902.

do cavalo que montava».⁵⁸ Junto à nota que passa despercebida de tão curta, aparece a foto de Rosa, uma pequena jovem de menos de 20 anos com o gado na mão, debaixo de algumas copadas árvores nas proximidades de um galpão de madeira.

Na colônia povoada por imigrantes italianos a mulher teve seus direitos lesados. O costume de expropriar as mulheres de seus direitos e de abusar do trabalho feminino veio com os imigrantes. Moretto guardou lembranças deste costume: «a maior reclamação de Margarida durante a viagem, é de que tinha sempre que carregar as malas. Não sabemos se ele não pagava carregador por economia ou se era por machismo mesmo, pois os italianos tinham o costume de sobrecarregar sempre as mulheres».⁵⁹

Infelizmente, tais costumes ainda se mantêm, como observa Piccoli: «o desgaste maior cabia às mulheres, que geravam muitos filhos, atendiam a casa e ainda trabalhavam na roça; sistema ainda hoje vigente em muitos casos».⁶⁰

Abstract: Tra Ottocento e Novecento l'emigrazione italiana verso lo stato brasiliano del Rio Grande do Sul fu prevalentemente familiare e inserita nel sistema di piccola proprietà contadina che il governo locale aveva pianificato. La storiografia ha ignorato per decenni il ruolo delle donne immigrate in tale contesto e l'autrice di questo saggio è stata tra le prime a farle uscire dall'ombra. Sintetizzando parte dei risultati di due ampie ricerche, Slomp Giron segue qui i percorsi delle donne che, per essere diventate proprietarie o piccole imprenditrici, hanno lasciato tracce di sé negli archivi e nella memoria. Storie di donne che mettono in luce l'adattamento creativo a una situazione di doppia marginalità, sociale e di genere, nella lotta quotidiana contro la povertà.

Between the nineteenth and the twentieth centuries the Italian emigration to the Brazilian state of Rio Grande do Sul was predominantly familiar and included in the system of small peasant properties planned by the local government. Historiography has ignored for decades the role of immigrant women in this context and the author of this essay was among the first scholars to get them out of the shadows. Summarizing part of the results of two extensive research, Loraine Slomp Giron follows here the paths of women who, by becoming owners or small businesswomen, have left traces of themselves in the archives and in memory. Stories of women highlighting the creative adaptation to a situation of double marginality, social and gender-based, in the daily struggle against poverty.

Keywords: Brasile, immigrazione italiana, donne immigrate, marginalità sociale,

58 *Cinquantenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud: 1875-1925*, s.l., Posenato Arte e Cultura, 1925, p. 452.

59 Soldatelli Moretto, *A caminhada*, p. 40.

60 José Victorio Piccoli, *Os Piccoli*, Caxias do Sul, Educação do Autor, 2002, p. 30.

marginalità di genere, povertà; Brazil, Italian immigration, immigrant women, social marginality, gender marginality, poverty.

Biodata: Loraine Slomp Giron ha compiuto i suoi studi in varie università brasiliane e ha conseguito il dottorato in *Storia* alla Pontificia Universidade Católica di São Paulo, con una tesi sul fascismo italiano nel Rio Grande do Sul. Ha iniziato l'insegnamento universitario nel 1973 alla Universidade de Caxias do Sul, insegnamento che ha tenuto fino alla pensione, con alcune interruzioni durante il regime militare, dovute alle sue posizioni politiche. Ha studiato l'immigrazione italiana nel Rio Grande do Sul, la schiavitù, l'industrializzazione e l'evoluzione economica della regione; molto si è concentrata sul ruolo sociale delle donne e sui problemi delle immigrate italiane: queste ricerche sono state argomento di diverse pubblicazioni. Si è anche molto impegnata nel recupero e conservazione di importanti fondi archivistici (loraines@terra.com.br).

Loraine Slomp Giron studied in several Brazilian Universities and received her PhD in *History* at the Pontificia Universidade Católica in São Paulo, with a thesis on the Italian fascism in Rio Grande do Sul. In 1973 she began teaching at the Universidade de Caxias do Sul, where she remained until her retirement, although with some interruptions due to her political positions against the military regime. Among her research interests were the Italian immigration in Rio Grande do Sul, slavery, and the industrialization and economic development of this region. Another central field of study has been the social role of women and the problems faced by Italian immigrant women: these topics have been the subject of several publications. She is also very involved in the recovery and conservation of important archival sources (loraines@terra.com.br).